

**CRÓNICA  
DO QUOTI  
DIANO IN  
ÚTIL**

j. chrystello



**CRÓNICA  
DO QUOTI  
DIANO IN  
ÚTIL**

**Vol. 2 (1967-1975)**

j. chrys chrystello

*nota do autor: memórias de outros tempos –*

*Este livro foi primeiramente policopiado a “stencil” em Timor no verão de 1974, logo após a Revolução dos Cravos de 25 de abril.*

*Durante mais de 35 anos andou perdido dado não existirem cópias dessa edição. O autor saiu de Timor para Bali (Indonésia) em 1975, regressou a Portugal nesse ano e saiu em 1976 para Macau. Os manuscritos originais foram entretanto passados à máquina de escrever em Macau (1997-1982) e arquivados. Viveu na Austrália (Sidney e Melbourne) antes de assentar no Porto, Bragança e Açores (agosto 2005). Foi aqui - em novembro de 2011 - que ao arrumar os arquivos deu com uma pasta mal catalogada onde estavam esses manuscritos que ora se recuperam com enorme alegria, em especial por surgirem quando o autor celebra 40 anos de vida de vida literária...*

*O curioso é que este segundo volume da CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL abarca quase na totalidade os textos que a censura do regime salazarista cortara do primeiro volume que foi publicado em maio 1972, sendo posteriormente acrescentada uma mancha de textos desse ano. Optou-se por converter tudo ao novo acordo ortográfico embora no original meses e nomes aparecessem já em minúsculas nessa data.*

*Para quem não viveu a era do “lápiz azul” da censura decerto será difícil entender que não havia liberdade de expressão e que estes textos eram impublicáveis naquela época.*

*Trata-se de escritos de um jovem entre os 20 e os 23 anos de idade e justamente preocupado com o ambiente que se vivia de desesperança e opressão, sob o espetro da guerra colonial. Algumas observações de ordem política eram tão atuais em 1972 como o são agora, o que mostra apenas que a retórica e a demagogia são as características principais desta democracia à portuguesa que se vive desde 1974. Junta-se um posfácio escrito em 1976 relativo ao primeiro livro e, sendo esta uma segunda edição foi decidido acrescentar alguns textos que haviam ficado de fora da versão anterior.*

1ª edição (do autor), Dili, Timor, maio 1974

**TEMPO VAGO  
ROTINA INCÓMODA  
HÁBITO INCORRUPTO  
DOR DERROCADA  
SILÊNCIO MASTIGADO  
TEMPO VAGO  
TEMPO INCORRUPTO  
TEMPO INÚTIL**

## 1. índice

### capítulo i das peregrinações (aos locais sagrados e interditos da literatura) às madrugadas poéticas (com pretensões a santuários)

1. fábula 6. para não dizerem que não falei de flores fev. 16, 1970
2. e.37. tantos os sonhos (a soeiro pereira gomes) mar 16, 1973
3. e.38. (ao daniel filipe) abr 30, 1973
4. 422.2. herói à força, sem força. dez 21, 1971
5. 398.2. jogos de portuguerra, abr 1, 1972

### capítulo ii das efabuladas eternidades

6. e.32. estórias da minha terra
7. 281-1. alquybirismos agosto 5, 1971/dez 29, 1972
8. e.10. diariamente noticiários e poemas inconsequentes, mar 1970
9. e. 9. para uma história parcial que fale de homens. fev. 16, 1970
10. e. 15. crónica do quotidiano 2, junho 11, 1970

### capítulo iii das divindades, as três idades do homem (do sonho, da corrupção, da morte)

#### do sonho

11. 414. a poesia é uma bola sempiterna mai 27, 1972
12. e.16. vem correr comigo (à bi rua) jun 11,12, 1970
13. e.17. para uma canção triste de embalar (à bi rua) jun. 26, 1970
14. e.28. o calor das pedras, set 16-17, 1971

#### da corrupção

15. 381 – 2. o homem corrupto
16. e.30. crónica do quotidiano 3, memórias de guerra. set 24, 1971

#### da morte

17. 408. carta aberta dum condenado
18. 412. um homem morreu só. mai 9 1972
19. e.20. e de súbito, noturnamente toda uma vida. set 1970
20. 415. missmundície. jun. 2, 1972

### capítulo iv das verdades heroicas, talvez inconfessadas

21. 421. habitante de todos os calendários jul. 26, 1972
22. 294. poema triste. set 29, 1971
23. 398.1. bucólica. mar 27 1972

### capítulo v - das dolorosas certezas narradas com temor

24. 295. o génio. a grotowski. set 29 1971
25. 409. a mulher de metal abr 27, 1972
26. 420. onde? jul. 15,1972
27. e.33. o futuro é hoje ago 10 1972
28. 366. (à mi) dez 18, 1971
29. 396. olhos de silêncio. mar 22, 1972
30. 222. ódio? suicídio? maio 7, 1970

## 2. posfácio crítico a “crónica do quotidiano inútil” vol 1 1972

Se é um **“EU”** entediado que nos aparece como centro dos textos<sup>1</sup>, esse eu-narrador define-se como alguém quotidianamente disfarçado na vida da cidade, numa cidade moderna e desumanizante. O mais importante dos textos é o mostrarem exatamente a monotonia e o absurdo de uma certa sociedade. É o mostrarem o nosso dia a dia cinzento e martelado. Sim, porque é de nós que se trata: *“É impossível para um indivíduo isolado constituir, por si só, uma visão do mundo totalmente estruturado, e por conseguinte, existe uma relação orgânica que une, ao nível das estruturas do pensamento, o escritor e o grupo social com que ele se relaciona”*<sup>2</sup>. Para não falarmos de autor (noção incómoda) digamos que o narrador é perfeitamente identificável conosco, com uma pequena-burguesia estudantil e de esquerda (se quisermos, a todo o preço um rótulo, utilizemos este, sem esquecer que *“as pessoas ultrapassam sempre a estreiteza dos rótulos”*). Daí, o não definirmos este **eu** que se enuncia nos poemas: notemos que ele é um de nós, que a sua experiência diária é a nossa. Talvez mais desesperançada, talvez mais minada pelo tédio. Mas, em todo o caso, refletindo a escrita esse tédio (enumerações infindáveis, inventariações exaustivas de ações, frases-feitas tiradas do discurso dominante) ela é também (sempre) a diferença: o que é novo e inesperado, não-rotineiro: «o hábito incorrupto feito rua» é, pelo menos, corrompido pela presença de um “contestatário”. Certos jogos de palavras são decididamente influenciados por outros poetas da cidade (Daniel Felipe, Manuel Alegre de *“Lisboa perto e longe”*<sup>3</sup>) da emigração, da guerra. Mas há o novo. E são expressões como *«por isso no séc. XX colonizamos a Europa “a salto”»*. Esta ironia amarga que ressalta de todo o livro, espécie de revolta sem objeto de fixação definido, de tom levemente anarquizante e desencantado está presente num dos mais bonitos e significativos poemas: o IX, em que se fala dos rapazes tímidos do último banco de trás dos elétricos. A crueza dos factos que são matéria da sua poesia (quer pela sua violência, quer pelo seu pacifismo balofo e pequeno-burguês) dá lugar a bons momentos poéticos. A adjetivação acompanha a estranheza de que se fala e é, por vezes, inesperada “frenéticos vaivéns” “sons pensativos” e mais. A nível sintático são poucos os cortes, com a tal linearidade que se pretende afastar. O novo modernismo das gerações de [19]60-70 foi muito mais longe na desmontagem sistemática da frase e, com ela, de todo o pensamento “normal” e produzido pelo “bom senso” do homem maduro e honesto, do tal funcionário já farto de “funcionar” que o poeta abomina. Se a “antecipação do encontro” que só terá lugar no infinito nunca é pedida, resta no entanto a palavra que fica inscrita “nas folhas de papel” abrindo, apesar de todo o desencanto, lugar à esperança.

**Isabel Margarida Duarte, 17/X/1976, Professora associada da FLUP,**

**Departamento de Estudos Portugueses e Românicos 2011 [iduarte@letras.up.pt](mailto:iduarte@letras.up.pt)**

---

<sup>1</sup> *“Este tempo é quadrado  
Em cada canto uma angústia  
O centro sou eu.”*

<sup>2</sup> Jacques Leenhardt, citado por E.P.C. in “O Reino Flutuante”.

<sup>3</sup> São de notar semelhanças com a escrita de José Bação Leal. A mesma denúncia surda de um quotidiano de miséria, dos Brandos Costumes de uma Lisboa adormecida; as mesmas metáforas da guerra e da emigração, a mesma desconfiança perante um Deus que não protege, afinal, *“tous ceux qui tombent”*:  
XV.

*“Quem cria o homem  
A Fome, a Guerra e a Morte  
Tem forçosamente de ser tido por mau” e,  
Bação Leal diz “Não posso acreditar num Criador distraído”:*

**CAPÍTULO 1**

**DAS PEREGRINAÇÕES**

**(aos locais sagrados e interditos da literatura)**

**ÀS MADRUGADAS POÉTICAS**

**(com pretensões a santuários)**

*1. fábula 6. para não dizerem que não falei de flores. 16 fevereiro 1970*

Quer acreditem ou não  
na timidez do meu silêncio  
até já o confessei  
na solidão do meu retiro  
tenho uma flor guardada  
( - que novidade! -)

há quem guarde selos  
automóveis, livros  
memórias vivas de pessoas mortas

bem, mas adiante...  
a flor que tenho é diferente  
está numa redoma de vidro  
( - que novidade! -)

há quem tenha estatuetas em redomas

bem, mas esta flor +e diferente  
não seca nem murcha  
nem bebeu o elixir da juventude  
mas mantém-se como no dia  
em que foi colhida  
as suas pétalas bem abertas  
a sua policromia  
o seu pedúnculo ainda ereto  
o seu cheiro perfumado  
bem, mas afinal a quem isto? –  
eu nem devia dizer  
mas a flor és tu  
por isso eu a afago  
ela me acaricia  
no dia a dia em que a rego  
e os beijos que lhe dou  
não é a ela, é a ti  
sabes porquê?  
a ti ninguém apanha  
enquanto a flor  
é minha, irremediavelmente minha

mas ninguém me garante  
que seja mais feliz  
tendo-te a ti  
e perdendo a flor.

2. e.37. tantos os sonhos (a soeiro pereira gomes) mar 16, 1973

tantos os sonhos  
nunca demarcados  
meu irmão de todo o tempo  
insubmisso  
perseguidos  
por uma mancha de quimeras  
engalanámos as palavras  
falaciosas ambições  
imensos campos  
por habitar  
lezírias de lentas mortes  
estioladas  
gretava o verão  
severos carões  
ninguém cuidara  
os linótipos esmaeciam  
aquosos gradeamentos  
da saudade

- era então o tempo –

fortunas dissipadas  
amargor de mil cansaços  
prematura senilidade  
febril catarro  
escrava luta  
cifras  
tabelas  
gráficos  
mecanizado o homem  
engrenagem-sem-nome  
impiedosa e febril cadeia  
gangrenosos ossos  
no silêncio chantagista  
se diluía a sobrevivência  
vasta paisagem  
por entre o adobe  
paredes  
quatro  
desfraldadas  
vogando ao vento  
do desprezo motorizado das sanguessugas

PERFEITA SÚCIADADE

irrefreado progresso  
civilização do abandono





volte a nós quem a nós pertence  
connosco reagirás  
à opulência de discursos em família

- obsoletas conversas que não asfixiam –

repudiamos toda a antropofagia  
que nos hipoteca

não os executemos  
também eles sentirão  
um só dia que seja  
um só instante  
o vão esforço do suor grátis

nesse dia  
urgente e único  
inexorável  
o grito  
então comunitário  
então revolucionário

PRESENTE!

para que não morram por desprazer  
pelas dores insofridas  
pelo sangue ulcerado nunca cuspidos  
pelas mãos imaculadas sempre assassinas  
revolver-se-ão aposentados donos  
deste feudo saqueado

dançaremos o cântico final  
apoteose de labaredas  
vossos corpos defuntos

serão nossos o chão  
a pátria liberta  
a vocação insubmissa

ninguém nos apode de vingativos  
honraremos  
das memórias a vossa  
adubaremos das cinzas vossas  
o pão

algo renasce das ruínas vossas  
a esperança

- quem nos confortará  
nesse instante ingente? -

3. e.38. (ao daniel filipe) abril 30, 1973

1.

margem insólita de todo o poema  
sempre nos habita  
algures  
a palavra  
gesto  
talvez sorriso  
familiares viajantes de toda a história  
pairam sobre a memória do cristal  
estrangeiros pensamentos crescem dos dedos  
invadem a casa  
lavrando  
sonhos impossíveis

atração eternizada nos transcende  
mística magia de rochas por decifrar  
fantasiosas  
oportunistas  
divagam  
insustentáveis teses  
nos zimbórios da retórica  
agnósticos  
céticos  
espraiam-se fervorosos

no grito infeto  
a louca viagem  
multicolor do tempo  
grades de raiva  
inaudito flagelo

pregaram às janelas do cérebro  
holofotes de cura do sono  
o crime da estátua  
tensas mordanças  
hirtas teias  
paisagens sem idade

supliciaram o templo inerte  
do corpo  
violaram memórias  
confissões sempre retardadas

o ódio calmo  
sereno companheiro

anda camarada  
cospe-lhes o teu sangue puro  
ri-te da dor animal  
mas não lhes perdoes  
mas não esqueças

o tóxico fumo  
da indomável vontade  
cansá-los-á

rendidos  
frustres carrascos  
abater-te-ão  
e os dentes que te arrancaram  
e a língua que não te soltaram  
(embora ta cortassem)  
e o pensamento que te não aprisionaram  
serão a vitória  
serão a troça

dos teus olhos abertos  
dois vulcões de sangue  
sem vida tos extirparam  
para que morto  
os não fulmines

teus ossos lançados às cinzas e ao mar  
entoam canções heroicas  
também tu és o nobre canto  
resistente

camarada  
nós te ergueremos  
bandeira viva  
é nossa a luta  
é nossa a desforra  
é nossa a trova  
espada deste canto

amigo  
a liberdade te pertence  
a vida te merece  
poema sem tempo  
farpa  
mista voz desfraldada  
livros por habitar  
no mundo-do-sem-fim  
acorrentadas horas



é perigosa  
anda protegida e bem armada  
(ao que consta  
de fontes fidedignas)  
o serviço nacional da malinformação  
atento e venerando  
tv  
jornais  
cinema-novo  
teatro-de-vanguarda  
convocados  
haverá comunicados horários concisos  
texto único

congressos-mundiais-de-combate-inútil-reunidos

(o debate é a base de toda a futilidade polemista!)

imperioso manter a população  
hibernada  
estado-de-sítio  
recolher obrigatório  
em todos os bordeis e lupanares  
acerada vigilância  
abolida a privacia  
e a intimidade  
vasculhadas pessoas e haveres  
obstruam as ruas  
com barricadas de papelão

(inauguradas em direto pela tv)

idades  
estradas  
portos  
marítimos e aéreos  
espiados  
como rezam as tradições  
francas das fronteiras

(a burocracia ocupar-se-á do restante)

antiguerrilheira e apátrida  
- infiltrou a ORDEM -  
teve o apoio de minorias já detetadas  
condenada ao malogro  
cresceu  
e se fez gente temida  
racionados viveres  
por estratos sociais  
senhas e talões  
no mercado negro  
dos *intelligence services* locais  
amestrados cães pastores  
vigilantes  
rebuscam residências  
a elite comunizava livros proibidos

o tesouro com poderes supranormais  
emitia metal sonante  
descongelados salários da administração  
fomentada a espiral inflacionária  
falidos pequenos e médios empresários  
monopolizado o grande capital  
o país crescia  
sólido e inabalável

a ORDEM enaltecia a família e a religião  
sem amigos nem-conhecidos-de-café  
ninguém afrontava a pública militância  
viajava-se nos coletivos  
preferencialmente amarelos  
desajustada tendência aos discursos  
do grão-mestre

impostos pagos  
residência nos subúrbios  
débitos ao merceiro  
jogadores fortuitos de totobolas  
- apostas simples –  
horários fixos por contratos coletivos

os católicos de domingo  
funcionários devotados  
soletravam o respeito  
honestos e pontuais  
sem ambições viviam  
orgulhosamente sós.

- então chegou o tempo das flores –

maculado o vernáculo solo pátrio  
desmascararam-se abusos  
de vítimas nenhuma  
sufocaram-se greves  
carregou a polícia de choque  
prisões maciças  
sem culpa formada  
torturas  
deportações  
nada foi eficaz  
o poder legalmente constituído  
autoridade irrefutável  
caiu  
sem pretensas liberalizações subversivas  
debilitados os poderes cívicos  
a elite dirigente escoiceada e depurada  
- (eram homens públicos de muito mérito!) -  
foram traídos pelo povo  
a quem não serviam  
reconheceu-se autoridade à ONU  
entabularam-se negociações com terroristas  
(até então guerrilheiros sem pátria)  
ignoraram-se imaginosos esartejamentos de brancos colonos  
e a terra una  
multirracial porque discriminatória  
pluricontinental porque imperialeira  
finalmente hipotecou tradições balofas  
enterravam-se prósperos futuros planejados  
(o presente era de crise  
mas as previsões mentiam seguras)  
aprestado o ajuste de contas  
alguém houve  
pagando com a vida  
morte  
ou o que preciso fosse  
demolida a ameaça  
pela população gentia  
brotou a voz uníssona e liberta das massas  
milhões de vidas salvas  
antes de contaminadas  
nascia um jovem continente no velho mundo.

4. 422.2. *heróis à força, sem força. dez 6-21, 1972*

(*runaway schoolboy, a allen ginsberg*)

rescende no instante a muda seiva  
gorgolejante  
    apocalítico rumor  
horizonte longe  
    perdido limite sem idade  
refratário sol  
    no grande canyon de todos nós  
abrasa-nos este suco de texas-tea

impetuosa  
    a boca do vento  
        rasgou a fonte do olhar

diante de nós *the trip*  
miragens eternizadas  
    paisagens sem nome

inundadas armas do ventre  
lento se abriu  
    o tempo do delta  
fulminantes deuses  
    estátuas de visco  
o triângulo  
    vertiginosas ancas

crecemos na seca sede  
- o país do corpo em retrato inteiro –  
espoliamos a nudez virgem  
    sem um vagido  
correm duendes na floresta da seiva  
irreprimida alegria escrava  
pérfidos os gestos  
    devoravam a paisagem de medos  
e tu  
    minha pobre árvore despedaçada  
        permaneceste

extensa  
    plácida testemunha  
e duma só vez  
    ao homem prometido  
silenciaram o relógio das veias  
amputadas vinte-e-três vozes de mistério

o grande escravo branco da medicina  
encolheu indiferentes ombros



sarcástico cuspiu

*god's away on a trip*

então o intenso aroma

*peyote* nos estremecia

e pintávamos

jeronimus bosch na cela hospitalar

ríamos do *straight PhD MD*

*gettin' high* embandeirámos o desprezo

lembras-te, meu amor?

o Berkeley tribe tão póstumo

na face do cortejo

frisco era a cidade

e nunca lá fomos.

5. 295. o génio (a grotowski) set 29, 1971

1.

o poeta compôs o verso  
alindou-o  
                  pesou-o  
                          limou arestas  
quando acabou  
                  tinha parido uma folha em branco.

**ou então recomeçemos desde o início:**

o poeta projetou o verso  
                                  na órbita interestelar  
inquieta margens de rios sem fronteira  
país cósmico do verbo  
varrido o sonho  
                  pelo vento da insatisfação  
limaram-se arestas  
                          vírgulas  
                          pontos  
palavras senis revitalizadas  
concluso poema  
                  desescrita folha  
em branco  
          bolso  
                  vago e roto.

2.

o poeta acreditou  
                  escreveu  
                          sonhou  
embalando-se  
                  ledo de alma  
reparou em si próprio  
                  humilhado  
com desespero  
                  rasgou a obra  
                                  desnecessariamente  
(não haveria já quem a lesse).

**ou então recomeçemos:**

o poeta pincelou de vida  
                                  disformes linguagens  
pobre pedaço de gente  
                          só  
                          humilhante e inesperado  
rasgou a obra  
                  desnecessariamente  
(não haveria já quem a lesse).





aqui imaginámos abjetas sevícias  
confortante desamor  
palavroso deleite  
predestinados entes sobrevivivos  
sacro dever da morte  
e o povo fossando  
a vala-comum-da-pompa-abissal

decadentes  
prostrados  
não se masturbem!  
senhores deste mundo

desorbitados astros nos vigiam  
no violino de teus lábios  
nasce a vingança  
a senha e o passe  
deste cântico sem povo

(inventado o abismo imaturo  
cavaleiros do sonho se vão  
da lei sem pátria libertando  
guerrilheiros de si e dos outros  
palavras lhes faltam atávicas  
benzidos pelo fogo de sacrários  
sideram a genealogia do mito.)

aqui e agora se medita  
inaudito espetáculo  
revolucionários-ministros-de-guerra  
em corpo-a-corpo  
nações beligerantes  
evitariam gratuito sangue

o povo pagaria imposto  
para morrer desfastiado  
passaria fome para ter governantes bélicos  
a geografia da velhice sobreviveria em paz.

**CAPÍTULO 2**

**DAS EFABULADAS ETERNIDADES**

7. e.32. estórias da minha terra. jun. 12, 1972

1.

endormido corpo de pisar pedras  
notívago leito  
proibidos sonhos

sensacionalista da miséria alheia  
o repórter bateu a chapa  
primeira página de amanhã  
cidadão-sem-rostro

identificado  
o corpo de madrugar  
pagará taxa de turismo

(a cidade  
ruas e jardins  
são do povo  
não os usurpem!).

2.

oito anos descalços  
duas estrelas cavas  
na puída esquina  
policromático recorte  
remendos de olhar severo  
faces nuas e suplicantes  
"dois pensos uma c'roa"

(aqui começa  
hoje  
a ficção infinda do orgulho  
em destino de pobre)

3.

"quem compra?"  
soletra sem futuro adolescente  
nas novas avenidas da mentira  
fachada de estômago às moscas  
pregando revoltas de dores postergadas  
ilusórios ecos de recusa  
silêncio-da-fome-sem-dias  
perdida pressa de passos  
nem mãos nem afagos  
murchas violetas  
cestos de eterna-espera

(decidida  
    incisivamente  
                    estrangulemos esta voz  
pobreza incómoda nos desperta  
compremos um sonho  
                    já sequestrado  
na-fome-da-ilusão-sem-dias).

4.  
criança sem escola  
também a ti  
    interditaram a imagem e o invento  
não vendas  
    parcas esmolas em retrato-de-esquina  
apregoa tão-só  
    pensos de curar todas as misérias  
ádua aprendizagem do dia a dia  
inditosa saciedade do ócio

(nenhum óbolo  
    paternalista  
    caritativo  
sofreará o vício de séculos espoliados).

5.  
famílias há  
    aos gritos  
morrendo onde calha  
    qualquer sol  
    qualquer ocaso  
sugadas dia a dia  
    gratuitamente  
promíscuas enxergas  
    moribundas  
    subvivas  
sem heroicas gestas  
    prostradas  
    resignantes

(surdas rebeldias  
    assanham-se homens  
    assacam-se cães  
  
CUIDADO! silenciam a voz do povo  
                                    com místicas perigranças)

6.  
dileta terra  
    aqui o clima



a natural beleza  
turísticos pósters da indigência  
mascarem-se de pedintes os indígenas  
todos

decorem-se cidades  
ruas  
vilas  
praias  
esplanadas-do-torpor-repetido

depois  
cobrem-se as esmolas  
todas

(milhares de fardas por pagar  
dezenas de conselheiros a engordar).

7.  
saudade  
palavra rara  
sonorífero da vontade  
sempre adiada  
repartida

palavra antiga  
dor nova  
(re)fundida  
desolados  
extensos feudos e baldios  
para turista vir-ver-voltar

e já partiam novos e velhos  
colonizadores da ambição desvairada  
eterna  
embaladora

esventravam povos  
lendárias famas  
viúvas de vivos  
vozes de fábula

(no reino-do-clima-do-perpétuo-sol  
nunca espantou saber  
única  
a saudade  
- certeza histórica  
de todas as cruzadas).

8.  
opiados nasciam  
analfabetos

ministros havia  
tecnólogos da (des)informação  
instituíam concursos  
festivais  
eleições de misses  
para as massas  
folclores de aluguer  
touradas  
fados  
mulheres

no reino-sem-esperança  
o povo  
anestesiado e grato  
bebia  
o suor  
calado  
bailava o vinho  
chorava fadas de folhetim  
batia palmas  
ao sagrado retrato  
insensíveis olhos  
via inaugurações  
escolas  
fontanários e pontões  
via casacas  
ministros  
presidentes  
banquetes  
jantares  
comemorações

9.  
esqueletos de domingo  
marginais habitantes do trabalho  
sem futebol  
longa espera  
plácida contemplação  
perdidos oceanos  
da morte mais lenta  
sonâmbulos visionários do sacro império  
perene destino de colonizadores  
bronzeados pelo sol  
(pouco e tímido porque grátis)  
rastejavam  
esmoleres de fim de semana  
milionários-da-ilusão-repercutida  
heróis-de-todo-o-ano  
à conquista de um só mês

(onde o dinheiro para comprar um verão decente?)

que restava senão endormir o desejo insatisfeito?

convictos sebastianistas  
do nevoeiro

povo  
de discursos ouvidor  
de impostos pagador

gente  
cantada  
decantada  
desencantada

escrava-do-sempiterno-senhorio-da-tradição

por que arrastas imagens de liberdade?  
promessas que não saberias usar.

10.

vou ficar atento  
anfitrião  
alguém pode esperar  
sou urgente para o adeus

(espanto desfraldado  
ingênuo bandeirante  
quem me acredita?)

alguém pode morrer  
defraudado  
longe  
antes do tempo?

NO INSTANTE EXATO EM QUE FALAR!)

8. 281-1 alquybirismos. ago 5, 1971

zuniam martelos  
de voz sem gente  
mudos fantoches  
soletradas tradições  
sonoras imagens  
acidental  
(in)organicamente  
colorávamos sentidos

(azul – paráfrase de amizade  
irisado formigueiro  
multiforme  
deslizando dos cabelos).

perdidos projetos  
no verde espanto  
escancaradas  
as bocas jamais vencidas  
sofríamos sedes  
fomes de muitas eras

obrigado  
silente  
searas esquecidas  
de mãos nos cabelos  
e foices na alma  
tudo de meu passou a nada

exaltados pensamentos  
agitantes  
aquietavam mordanças  
escalavrados outros  
futuro nunca o souberam  
imaginavam  
vaga  
inseguramente  
o tempo  
acreditando-se  
únicos  
privilegiados habitantes

adormecentes  
os indeclináveis erros  
ancestrais lutas  
soterravam



9. *e.10. diariamente noticiários e poemas inconsequentes, mar 1970*

1. previsão até às 24 horas de amanhã: céu muito nublado, vento fraco ou moderado de sudoeste, períodos de chuva fraca a norte do sistema montejunto-estrela, condições favoráveis à formação de nevoeiros durante a madrugada e começo da manhã.
2. chegam mensagens na manhã, húmida e viscosa. ondas das longas terras de áfrica embalam corpos esquarterados.
3. parte do cais do Sodré no próximo dia 13 mais um contingente de tropas em missão de soberania
4. em visita à expo internacional de osaka parte hoje, acompanhada de seu marido a senhora de...
5. ponto morto nas conversações unilaterais de genebra para o 100º acordo de paz.
6. mensagem de páscoa, praça de são pedro, roma: milhares de fiéis escutaram hoje a exortação de sua santidade o papa à paz ilimitada, ao fim das guerras, da fome e de todas as misérias que empalidecem a missão do homem à face da terra.
7. o fbi alarmado com a crescente vaga de crimes aumenta os seus efetivos criando novos corpos de luta contra raptos e corrupção política.
8. integrada no plano mundial de reabilitação do movimento hippie, os fleumáticos londrinos assistiram hoje à proclamação de independência de king's road e carnaby street.
9. segundo decisão da i.a.t.a. foram boicotadas as viagens aéreas após o desvio de mais uma avião para cuba. os passageiros, incólumes, à aterragem em la habana foram condenados a recuperarem a sua liberdade em junho próximo após colaborarem – gratuita e ininterruptamente – nas colheitas de cana de açúcar onde os atrasos provocados pela falta de mão de obra provocaram uma situação caótica nos mercados internacionais. este foi o 49º avião desviado desde o início do ano.
10. fim de uma era. rudolf hess não será libertado. na realidade, nem sairá da prisão de spandau após a sua morte, segundo um comunicado conjunto das potencias aliadas.
11. violento sismo abalou, de novo, portugal naquele momento submerso em intenso nevoeiro. para quem esperava dom sebastião a desilusão – de barcas só a de Caronte (centenas de mortos apurados até ao momento, as buscas por sobreviventes prosseguem), há milhares de feridos e desaparecidos. são incalculáveis os prejuízos materiais, ignoram-se dados quanto ao número de desalojados, foram criados subsecretariados especiais de auxílio às vítimas.
12. após os ibos, curdos, afrossudaneses, novos massacres. o povo khmer está envolvido em feroz luta com as forças governamentais...
13. céu muito nublado, vento fraco ou moderado de sudeste....



### *11. e.15. crónica do quotidiano 2, junho 11, 1970*

na madrugada que comigo se cruza, todos os dias ouço passos nas ruas vazias repletas de silêncio. estugo o andar e continuam a martelar-me as passadas, agora mais rápidas. o céu começa a raiar-se de luz, noite ainda. a cinzenta fachada dos prédios fechados e mudos. um ronronar contínuo acompanha-me. a brisa levanta papéis. uma cidade suja e calada. nem gente (daquela que trabalha de noite para os que vivem de dia), nem carros, só os passos que me confundem. os lampiões são gotas de luz que salpicam as trevas. num portal, uma sombra estranha. assusto-me. um vagabundo a repousar. é de estranhar depois da inflação dos bancos para toda a gente. uma fila longa de carros escuros, parados, aproxima-se à medida que caminho. meto as mãos nos bolsos vazios ou quase (não assobio porque não sei). tiro duas moedas: 1\$50. o preço conformado com o descanso vê-me seguir e passar pelos táxis frios no anonimato da noite. vejo mais reclames luminosos. PENSÕES. DORMIDAS. ah! como me apetecia ficar já aqui, se não fosse aquele reboliço lá dentro, aquele vaivém contínuo, numa atividade febril quase diurna, igual a tantos sítios em tantos países., sem remédio porque não é uma doença, ou então teriam de exterminar quase metade da população. luzes que acendem. que apagam...q u e a c e n d e m. q u e a p a g a m. . Q U E A C E N D E M. Q U E A P A G A M. uma loucura para os olhos cansados de mais um dia, com mais de 24 horas. as horas que, minuto a minuto, segundo a segundo, escorrem lentamente por entre os movimentos que faço. continuo o meu passeio forçado, voluntariamente aceite no meu regresso a casa. atravesso agora outra rua deserta e vazia como todas ou quase. os cláxones, o fumo, o pó, as marcas no asfalto, os irrequietos peões, as crianças, os velhos, os carros, os camiões, o sinaleiro ou o semáforo vermelho. indiferente, atravesso na certeza de o espaço estar noutra tempo. guardo para amanhã estas impressões sobre o trânsito (diurno). e as passadas, uma a uma, certas, cadenciadas como o bater do relógio, a perseguirem-me. olho para o relógio – 5 e meia, o céu mais claro, chego a casa para descansar. meto-me na cama, nos lençóis quentes, o cheiro a gente, a vida, à mulher desconhecida que dorme ao lado. esqueço os passos que já não ouço. passados instantes já ressona. 8 horas, saio de casa, o mesmo trajeto de ontem, de sempre, um formigar de gente igual com as faces marcadas na vontade-livre de trabalhar por imperiosa necessidade de sobreviver. um dia mais que escorre e se escapa por entre os dedos abertos das mãos fechadas. as horas extraordinárias. o cinema. a televisão. o automóvel. os eletrodomésticos. a ambição. a morte. mas antes o rotineiro dia a dia, aniquilante, com a noite a entrar no dia deliberadamente e a mulher com quem se casou – a desconhecida com quem se dorme. os filhos que se têm e não se veem e que estudam – ou deviam estudar – para trabalharem menos que os pais, ganhando mais do que os avós. e as marteladas dos passos no ouvido, uma noite, uma vida inteira, até que cansa os próprios pés. nessa altura, cansado de tudo e todos, a decisão que se toma. a mulher, os filhos. a miséria. o paraíso dourado da estranja. as maçãs do paraíso com sabor a desilusão, um regresso. uma volta ao lar, à mulher, aos filhos, ao desemprego, ao desespero. até que um dia levem desta vida as passadas, aquelas incómodas e perturbadoras. martelarão mais tarde no ruído intenso das 15 h., passadas de vultos negros. chapéu na mão. o chiar da carreta. as flores que se apanham do chão. os filhos que choram. o movimento intenso, os cláxones, o fumo. as marcas no asfalto, os peões, as crianças das certezas tristes, os velhos, os carros, o camiões, o sinaleiro e o semáforo – enfim - verde.



**CAPÍTULO 3**

**DAS DIVINDADES**

**às TRÊS IDADES DO HOMEM:  
do sonho, da corrupção, da morte**

## do sonho

### 12. 414 a poesia é uma bola sempiterna (a antónio gedeão) mai 27, 1972

*(a poesia é uma esfera sempiterna  
máquina de fabricar sonhos  
semovente tablado dos dias  
a António Gedeão  
poeta e homem)*

a esta bola colorida  
deslizando frágil  
irisado vitral da imaginância  
devo o fugaz instante  
combustão de amor  
em pedra dura – CASA  
- MUSEU  
- AQUÁRIO de mim mesmo.

circundo a cabeça  
sórdida aldeia  
no sonolento cenário  
a sibilante esfinge  
imponderal contraponto  
na superfície do eu  
no palco do centro  
rolantes águas se projetam  
contra as paredes do corpo

- (há um eu a boiar dentro de mim!) –

esfera colorida  
nas mãos de uma criança  
verso branco da ideia  
refulgente íris de mil sois  
na refração do instante  
boiam gemidos nas esporas da canção  
livres margens da poesia  
sem forma nem lei  
aparente alfabeto  
sem adornos de lua velha  
bola colorida  
matizada  
cintilante angústia  
ora me choca  
ora me afaga  
inquebrantável raiz de não ser-só



*13. e.16. vem correr comigo (à bi rua) jun. 11,12, 1970*

vem correr comigo. cabelos soltos ao vento.  
pernas fustigadas pelas espigas, como um poema lançado ao fogo.  
o cheiro a campo, a feno.  
calma na aldeia. os campos povoados.  
gente afanosa de um lado para outro.  
o que se semeia. o que se colhe.  
as terras adubadas pelo suor.  
as mãos calejadas pelo trabalho.  
o pó a entranhar-se nas rugas da cara.  
os dias belos, verdes e azuis, cinzentos, iguais a tantos.  
os cães ao longe guardando os rebanhos.  
a fome e os verdes prados.  
o sol a pino, como pá ou picareta abrindo estradas,  
fazendo brotar água das f(r)ontes dos lavradores.  
a brisa que não corre.  
a sombra que se escolhe para a merenda frugal.  
comida de crianças para homens feitos.  
de novo a enxada até sol-pôr.  
vidas penhoradas por frutos que não serão colhidos.  
ao longe passam carros sibilantes.  
por cima enormes monstros dos ares  
atroam a calma, violam a aldeia. o sino assustado repica a medo.  
pendurados nos fios há pardais. colocadas nas fundas há pedras.  
as velhas sentadas ao sol que entra nas portas abertas.  
enxameiam moscas. crianças chafurdam na lama.  
cães encostados às próprias sombras  
sacodem as moscas, coçam as pulgas  
(em todas as elites sociais há parasitas!)  
cabeças se movem inquisidoras  
dos lábios o cumprimento-saudação  
oculta comentários inconvenientes. fica a pairar o murmúrio.  
chapéus nas cabeças, mãos que se levam ao chapéu.

e nós só queríamos os verdes campos  
a vontade contida de correr e saltar  
a liberdade dos pássaros-homens  
dos homens feitos pássaros.  
as noites claras e límpidas.  
as estrelas no alto como teto.  
nós sentindo a terra pulsar sob nossos corpos.  
com um frémito  
percorrendo as suas formas, o seu calor.  
coladas as bocas, juntas as mãos  
o nosso bafo entrecortado  
por teto as estrelas.

*14. e.17. para uma canção triste de embalar (à bi rua) jun 26, 1970*

não vou falar de ti, de mim ou de nós.  
vou cantar uma história de embalar  
quando as pessoas, por exemplo, no alentejo  
tínham as costas vergadas  
as caras rugosamente marcadas  
e o bronzeado de muitos sóis  
mãos ásperas mas fortes de homens

- não vou dizer que eram fortes como as certezas  
mas direi que a vida vivia lá  
por entre os vagarosos extensos campos  
mudos e cabisbaixos como os homens  
que adormeciam entoando hinos às estrelas  
eu e tu dormíamos sob um branco teto –

homens para quem as estrelas entoavam cantigas de embalar  
a vida igual e os homens os mesmos  
indiferentes chorávamos os nossos problemas  
falávamos mas nada dizíamos  
as nossas palavras lançadas à terra não germinavam  
as searas dos nossos atos sem espigas para colhermos  
o pão que amassávamos era feito de pedras  
que tínhamos em lugar de corações  
os homens calados e taciturnos continuavam  
embalados entoavam cânticos  
à paz universal no meio do silêncio  
enquanto os campos se agitavam  
as pedras florescia e os regatos iam alegres  
gargalhando segredos jamais pronunciados  
eu e tu sob o teto branco por céu  
e os homens que então havia dormiam  
embalados pelas estrelas  
as nossas mãos macias e aveludadas  
o ar cansado e os olhos profundos  
faziam rir de pena homens e mulheres  
pelo choro dos nossos problemas  
- esta a canção de embalar –

súbita e simultaneamente surgiu do nada  
um metralhar impiedoso  
ceifado o sangue saía em borbotões  
das bocas abertas mas caladas  
como balões vazios ficavam os sonhos  
para quê então uma canção de embalar?

entoemos em uníssono, uma última vez  
esta trova de ninar.

*15. e.28. o calor das pedras, set 16-17, 1971*

1.

nas latas altas onde coabitas  
cheiro de gente de trabalho  
caixas de odores  
com eles te misturas  
ofuscando olfatos  
cansados  
                  insensíveis

2.

deitados no calor das pedras  
ao vento ou rumor do silêncio branco  
habitando a casa do corpo  
lá onde a mão se abre e vai  
e os pés gelam na montanha  
viva com sabor a terra nua  
as ervas flutuam em teus cabelos  
como em bocas de fome e frio  
o olhar errante  
                  luminoso  
                                  inflamado  
neste corpo-não-sonhado que ondula  
como ilha ou vulcão

3

a boca que na boca tenho  
não me diz como és  
se corpo, se coisa, se pessoa  
a mão trémula te percorre  
hesita pela resposta muda  
entre ter-te e não  
hesita no abismo dos olhos  
enquanto nasces (ou não) decido  
bebo as ondas vivas do teu ser  
tecendo o momento vibrante  
fogo, rio, oceano  
árvore aberta num murmúrio  
pela nuca, sexo, ancas  
música mística suave sussurro  
sem luta depões as armas  
língua despida de árvore  
apertas o chão onde caíste  
desprendes o vaivém de mãos  
resta a noite e a terra  
e as formas já caladas  
por entre o silêncio  
de raivas penetrantes







nem todos

além das lágrimas extorquidas à fome  
ao desespero  
intelectuais,  
homens-de-bem  
sonhadores e utópicos  
viram chegada a sua hora de ação  
(presos por motivos políticos

TODOS

foram executados pelo novo tirano).

*17. e.30. crónica do quotidiano 3, memórias de guerra. set 24, 1971*

1.

o general medrou no instante obsceno  
imponderável espelho de todas as ambições  
rosto ou eco de mim próprio?  
espio o calendário esfolhado  
horas desertadas num véu sem mistério  
em cada janela do tempo

(a cada momento  
                                todo o ato  
  é desnecessário)

senhor general cuidado com os vidros  
monoculares olhos de todas as guerras  
dança cadeira menina  
regressa a ti própria  
                                onde jamais habitaste

suspenso do fumo  
                                ardente farda  
iridescentes fogos  
incandescentes celas nos abrigam  
pendular impaciência  
                                sôfrego macho  
na berma da estrada o duro leito  
longa viagem sem retorno  
inventam-se vitórias, árduas escaladas  
com timbales e campainhas  
  tímidas carícias proibidas

ei-la que entra  
banal gesto alugado ao corpo  
já o velho murmura afagos  
esponjosas carícias imaginadas  
trémulas mãos sujas  
                                de sangue inocente  
preço injusto de algumas fomes

soergo a cabeça e pesa-me a rua  
desabam mundos na chávena de café  
sorvo sensual boca de muitas esperas

adejam aves sem nome  
mirradas folhas de oculta metralha  
mutilada cor de muitos mapas  
esvaziada a memória  
                                de cansaços muitos



profanam ociosos templos  
que fomos.

ruidoso relógio nos matraqueia  
calcorreamos as folhas deste espaço  
inútil livro que não escrevemos  
soam clamores, cláxones e freios  
alheado prossigo sem ouvir  
vociferantes vozes que já esqueci  
devo-lhes novas angústias  
somos a cidade do passado  
estéril abismo que recusámos.

carcomidos degraus da sombra me protegem  
solitária melopeia de saudade  
no espelho se esváíram dez minutos  
renasceu há apenas três senhor general  
atravessava o corredor imaginário  
uma ficção de rua quotidianos esbirros  
no nexo do real  
saltamos o grande muro  
de nós mesmos

2.  
nenhumas imagens nos percutem  
ruinosas pedras  
desocupada janela  
nunca existida  
desconheço este fantasma que habito  
repetem-se passadas antigas  
como se fossem primeiras  
estranhas forças me dominam  
sibilante é este tempo inventado  
na brisa  
o vento novo na casa da palavra  
a ordem cumpriu-se  
em nossos caminhos  
a longa missão  
povoa-se de alegorias  
escombrosos dias  
muradas deliquescências  
escabrosas invadem  
o revérbero da imagem  
no princípio do beijo  
o mundo  
desaustinado ato  
inaugura a luta  
sabíamos ser o cavaleiro andante  
solitário

líder da resistência  
ei-la  
é tua  
desfruta deste conluio  
enredada batalha inconclusa  
não à avidez  
soçobrantes corpos  
encrespadas mãos  
quase unidos no prazer  
na posse primeira  
(a eternidade é uma falácia, dizem!)  
concêntrica viagem ao outro lado  
em vão se aguarda  
a abruta queda sem regresso  
insubmissos  
sobrevivos envilecemos  
a engendada equivocada desordem  
podres  
corruptos  
cancros de todos os filhos  
existimos nos que creem  
e confiam  
em vão.

estrelante civilização  
da bomba letal  
cercados por decadentes fomes  
soubemos da vida  
bebemos a taça  
no sétimo céu das indiferenças  
emborca o general  
vitória pírrica sobre o medo  
soldado de muitas guerras  
todas absolutas e finais  
nunca libertado  
do embalo de sonhos inominados  
matou  
decepcionou  
estropiou  
nunca a verdade saberás  
general-da-grei-sem-lei  
- o nome da paz desconhece o sangue da liberdade -

## da morte

### 18. 408. carta aberta dum condenado. abr 24, 1972

petrificado hábito

caos absoluto

a piedade não acalenta

friezas judiciais

...

espera longa de inúteis cansaços

nas grades silenciadas

sem arrependimentos – remorsos

soledade refratada de rancor

...

solidão

guindaste imenso movendo-nos compassado

erguendo premeditadas reformas

...

criminoso

assassino

gangues de homem antepassado

crivando de insultos a rotina

incandescendo ultrajadas almas

com a música mística das pedras que não cedem

- não partem nem cedem –

marginal habitante do pesadelo

soletrando como vos dói estarem vivos

ignorando porquê

nesse ofício de nada criarem

nem mesmo a morte a que me condenaram

(insensível

mentalizado

já a ela tinha direito

desde o ato de que nasci!)

crime

o que é? para quem?

a sociedade que integro como júri

tornada juiz de mim?

todos lhe demos forma

significado

eu

os outros

a vítima de mim

sou deus de mim próprio

e os deuses não se condenam à morte.







habituais  
os amantes estranharam  
era de chaillot a louca  
tropeçando no fardo  
o jornalista pressuroso  
bateu mais uma chapa  
sem risos

ninguém perguntou  
porquê ou como  
o corpo ninguém o reclamou  
no laboratório hospitalar  
o retalharam  
e depois de usado  
o lançaram à estrumeira  
não lhe sabiam  
nem nome nem a idade  
nem lhe pagaram o direito à morte.

as aves sussurravam LIBERDADE.

## *20. e.20. e de súbito, noturnamente toda uma vida. set 1970*

saímos uma noite em busca de pirilampos, íamos pelos campos fora de mãos dadas como enamorados esquecidos de tudo até das estrelas. de repente caiu uma e vimos que era como os pirilampos. foi nesse instante que entendemos que o mundo estava errado. pensamos então na sua reconstrução começando por nós. não foi precisar inventar os corpos pois sempre existiram. apenas numa dimensão imaterial nos sentíamos superiores. envolta tudo e todos indiferentes à revolução que fazíamos. à nossa frente corriam os ideais e para trás ficavam com estrondo de derrotas, asa desilusões e sonhos esmaecidos que doem a multiplicar, como desaires quando se luta pelo que se ama. criamos em nós e nos ideais, as pessoas pasmavam só de olharem. pela calada mandavam os filhos fazerem arruaças, e nós prosseguíamos na reconstrução, revolução, encontrando ruínas de outras civilizações, da nossa a certeza de se prolongar para lá dos tempos, armas e exércitos poderiam parecer ridículos pois não os tínhamos. as vítimas seríamos só nós e o suicídio não levaria ao desespero. poderíamos ter-lhe dado os mais estereotipados nomes mas chamei-lhe apenas amor. as paredes caiadas de branco ficaram enrubescidas pelo sacrilégio e começaram a abanar freneticamente, as portas batiam e o vento entrava a assobiar. indiferentes, permanecemos imóveis no meio da sala, de holofotes assestados sobre nós, altifalantes berrando gritos ululantes de profanação, violando o nosso silêncio físico.

veio e vimos um ancião vestido de maneira excêntrica que apontou para nós dizendo "levem-nos, encarcerem-nos serão julgados e condenados". fomos separados e metidos em celas onde mal cabíamos de pé ou sentados, tratados como animais que eles gostariam de ser se um dia reparassem como são ignóbeis. aguentámos tudo maltratados. depois durante uns dias esperaram que a nossa aparência melhorasse, passaram dias ou semanas estávamos em compartimentos separados mas nunca distanciados de facto. chegou o dia e nos levaram à força para uma sala onde as pessoas começaram a murmurar mal nos viram mirando-nos como animais. olhávamos em volta em busca de algo para sorrir mas o mais amistoso era o martelo em cima da mesa do juiz ancião.. os olhares mirones e reprovadores cercavam-nos e a um sinal do ancião todos apontaram para nós e disseram daquela farsa: "culpados e condenados à morte!"

enquanto aguardávamos no corredor da morte pela data da execução nasceu um filho que nos foi retirado e recolhido.

findos vinte anos de cativeiro no corredor da morte ainda não fora reintroduzida a pena capital que nos aguardava e soubemos por um jovem que se intitulou nosso filho que a pena fora comutada. o nosso crime deixara de ser, amar era legal e um produto de consumo maciço na nova sociedade do mesmo tipo.



**CAPÍTULO 4**

**DAS VERDADES HEROICAS**

**talvez inconfessadas**

*22. 421. habitante de todos os calendários. jul. 26, 1972*

este o dia  
celebrado habitante  
de todos calendário

pendente memória no jornal de parede

voou único  
irrepetida viagem  
ressurreta

canónica consagração da utopia

este o dia  
exógamo ato  
desfraldado grito  
de todos bandeira

imodesto orgulho  
ambição  
insofreada sede  
de não ser-só.



violento naufrágio de um qualquer hino

no labirinto do medo floresce a catedral da carne

transmigra o sexo sedento

- sim! colonizámos os corpos de ambições desmedidas.

2.

morrer não é ter flores na campa

é estar aqui inútil e deitado

enquanto sofres ódios desconhecidos

de ideais em que nunca acreditarás

na floresta onde cantam os pássaros

não batem corações de heróis como tu

e o canto das aves sou eu que o invento

à medida que os heróis morrem

amortalhados em folhas secas

os homens não se queixarão das suas crenças

os corpos não descerão à terra putrefacta

ela recusará o corpo dos heróis

para que possam apodrecer envoltos em remorsos

e as balas deixam de matar os pássaros

cujo canto invento

salpicado pelo sangue de um qualquer hino.

- NÃO À VIOLÊNCIA! –

exclamo neste silêncio de paredes nuas

enquanto esmago uma mosca em gesto de indignação

é proibido falar de amor

se homens-não-heróis insistirem em comprar corpos

violentando almas que já não existem

por entre riso rouco de animais

enforco-me na cobardia desta inação

com palavras inúteis.

morrer fuzilados filhos

embalados em tempo algum

em berços repletos de esperança

as mães arrancam a carne com unhas de desespero

choram lágrimas de espadas de vingança não desembainhada

rezam preces que homens lhes vendem a troco de religião

acendem velas em altares e vestem de luto

mas os heróis verdadeiros não ressuscitarão.

idades choram nas ruínas

esventradas pelo vulcão de caprichos

idades se erguerão mais altas e ocas

nelas nascerão os que as hão de arrasar.

24. 398.1. bucólica (à helen mcneill). mar 27, 1972

colinas tranquilas do tédio  
resgatam céus do hábito  
pastores de entoar estrelas  
sacro ofício de deuses

ninfas de lã  
                  sacolejantes  
                                  campesinas  
descendo aldeias de lousa  
vendendo corpos de inverno.

- ciclos transumantes de vida –

cabanas de colmo  
                                  com odor de homem  
áridos sons  
                                  montesa linguagem  
frugais merendas de condutores de rebanhos  
sonhos de fome e frio

rústica paisagem  
                                  fragosas escarpas  
cio longo  
                                  noites de vigília

uivantes lobos  
                                  no hálito das trevas  
agrestes vales  
                                  povoados  
  anjos desasados  
estábulos com horizontes de lua-cheia  
poeira de tojo esventrando a solidão  
mulheres nascidas de bafo  
  cristais de cinza  
na terra esboroada  
                                  estes pastores  
  na sorte diferentes.



**CAPÍTULO 5**

**DAS DOLOROSAS CERTEZAS NARRADAS COM TEMOR**

25. 409 a mulher de metal . à maria teresa horta. abr 27, 1972

*à maria teresa horta  
(ainda a parede em frente  
eivada rotina do insulto  
mística música de pedras*

*não partem  
não cedem.)*

a mulher-de-metal emergiu  
sacrossanta (mas não muito)  
entoava um qualquer eletrônico salmo  
ridente pendia um crucifixo

sexo irradiante de aço  
mecânica erupção  
roliças ancas  
inconclusos seios  
o reflexo de zinco compunha  
fria linguagem  
metal-de-mulher

linear o tijolo e a caliça  
talha grosseiro de cristo  
acobreada pelo cio  
primavera-de-uma-só-noite  
robô-de-mulher-teleguiada  
refulgente é o olhar  
iridium-4  
carnuda  
desenganosa engrenagem  
oleada  
para não cerrar dentes  
ao prazer  
à derrota  
sonora  
inflorescente fêmea

- também tu crês na emancipação da mulher? -

26. 420 onde? jul. 15,1972

para melhor aprender o sombrio espaço  
risquei um fósforo  
segurando-o entre metálicos dedos  
não consegui identificar-me  
à massa viscosa e arquejante  
nem tampouco conhecia  
de memória alguma  
o fétido odor exalado  
templo estranho  
plano e amplo  
sem horizontes  
nem movimentos  
som ou cor  
algo indefinido  
talvez brilho  
longínquo  
estranha manifestação de existência  
pelo tato imaginei-me  
habitava um vulcão fossilizado!  
depois  
côncio da enorme descoberta  
cresceu em mim o medo  
tornou-se dúvida  
já nada era perceptível no estático ambiente  
a chama do fósforo incandescendo a escuridão  
primeiro hesitante  
depois intensa (senti o sol suplantado)

**ENTÃO BERREI.**  
já os dedos ardiem numa labareda intensa  
enclavinados pelo frio  
inúmeros sóis metálicos cavalgavam a dor exilada  
com sádico  
- talvez cósmico –  
prazer  
apressei-me a apagá-los  
nas pedras  
nas paredes  
em mim próprio  
e não havia onde  
de novo às escuras  
(como aliás sempre estivera)  
admirei-me por não ter memoriado  
o misterioso local  
dei por mim ausente  
lá  
onde (nunca) estivera.

## 27. e-33 o futuro é hoje ago 10 1972

era como sentir um deus dentro de mim e depois aquilo começava a mexer, a mexer, borbotando, saía da pele, trespassando os ossos, raspando o ar ao mesmo tempo que as mãos: como quem corta um pão enquanto permanece imutavelmente estático, sem queixas, sem gemidos nem dores, moldado ao gesto, elástico.

...

era como sentir o tempo parado amanhã e apenas se visse o futuro em tudo, até no nevoeiro que crescendo dentro de nós já era húmido cacimbo, lá fora objetos mudos, quietos como jamais, nem dez segundos tinham passado e já era amanhã, vermelho, gorgolejante (o futuro às vezes pregava destas partidas).

olhos sem brilho desorbitados, vagos, num qualquer espaço que nenhum de nós sabia identificar: como se estivéssemos do lado de lá e quando nos mirássemos, esconder-mos-íamos com pavor.

então, vinha o espelho, as pessoas perguntavam por si próprias e as imagens...lá perduravam, as pessoas não.

os rostos abrigavam-se num qualquer buraco à procura da luz que não vem dos buracos, já era dia, as ideias cavalgavam os minutos à desfilada por entre mudos sorrisos tolerantes de loucura. ninguém acreditava na linguagem dos olhos que já eram pó e habitavam um qualquer caixão. no entanto, ali estavam indesmentíveis, lembrando-nos como continuávamos vivos, de pé, naquele templo de morte.

era costume pendurarmo-nos no tempo e os minutos eternos e futuros brincavam connosco, puxando-nos as cordas para nos balançarmos aflitos e temerosos já que não saberíamos viver noutro tempo.

e já tudo era música, vinha dos olhos, penetrava o sexo até os dentes rangerem de prazer. tudo era música incluindo o encarnado das paredes nuas (jamais haviam sido caiadas – como numa acusação) e vinha dos poros de suor, do cabelo empastado como bolas à chuva de verão (que jamais tombará!). sempre a música, na luz, nos sons irrepitados, mijando na lua, na poesia, na inutilidade de correremos atrás do que sempre nos fugirá, irremediavelmente parados num vasto campo atulhado de urnas vazias – JAMAIS ALGUÉM EXISTIU LÁ. –

o som alucinado, as pessoas bem bebidas saindo com passos trôpegos, proclamando profissões entre confissões que nunca serão assinadas porque sinceras.

e um cão sem sexo pois nunca foi cão, encosta-se a um poste, fitámos o animal como se ele existisse e nos chamasse e houvesse poste, depois afagávamo-lo com o olhar, dormiríamos descansados com o poste seco, sempre esteve, apenas poste, nada mais.

um gato mia lugubremente a um guarda noturno, sem rua nem farda, pois nunca foi admitido e continua a viver iludido, enquanto lhe pagam a fome com sorrisos de comiseração, e diariamente se arrasta pelas portas que lá não estão mas deviam, e já há quem lhe atire pedras, as quais não lhe acertando o trespassam, caindo atrás dele como se não o tivessem atingido, o que é mentira, pois as pedras tombam magoadas com restos de sangue coagulado, e o sangue das pedras é vermelho como o das estrelas que não brilham enquanto houver uma chávena de café para estancar o sangue com merda.

já é noite, sempre o foi, mas o sol não acreditou até ver uma ratazana morta de medo e um polícia à paisana num bordel, vestido de luxo como morcego de raça, por entre pedras preciosas de mil enganos fosforecendo na treva.

um mendigo busca um lato de lixo bem conservado e próspero para deitar os seus restos (que civismo! – comentarão e a esses responderei que nada disto existiu). depois, alguém irá, na sua opulência, remexê-los (inventar-lhes-á um nome, talvez banquete, palavra que conhece por ouvir dizer) e continuará de mãos bem estendidas sem que alguém vá e as acaricie (exceto com a saliva do desdém).

a rua vazia como se ninguém a ativesse atravessado desde há séculos, o que também é mentira (outra), pois das pessoas sobraram sombras (ficam sempre para alguém ir e guardá-las) e cabeças de crianças que não nasceram, espetadas no chão para exemplo.

passavam sem as verem, pisavam-nas e elas sem um grito, até que uma tropeçou e todos se calaram, era tarde, já chegara a hora de recolher, não havia tempo de arquivar imagens de agonia. já as gentes voavam mesmo sem quererem, incapazes de saberem como evitar pisar essas flores estranhas que ninguém colheria.

cansadas em casa sem asas nem memória (que esta é uma dor), queriam dormir tranquilas e drogavam-se, pílulas coloridas, cada uma era cabeça de criança em tamanho de alfinete sem ponta nem voz.

o sangue jorrando continuamente como cascata em sonhos, como alguém quase a afogar-se querendo acordar para não morrer e logo acordando nadavam desesperadamente, não havia já quarto ou sala ou casa e ninguém restava para se lhe narrar o sonho.

era assim naquele tempo até que um génio inventou a fala e todos gritaram como se fora vital, então, outrem gritou a lembrança de que já antes se entendiam por gestos e daí nasceu o silêncio.

depois o hábito, o esquecimento, sem saberem o que existira antes do silêncio, e então já eram sapos de enormes bocas abertas, nem precisavam de nadar para (não) morrerem, pegajosos agarravam-se à paisagem evitando a todo o custo cair nela, dando-lhe cor sem movimento; como tinham o dom genial da voz sempre que respiravam e não sabiam que o faziam, logo morriam de novo (desta vez sufocados).

filmes mudos não havia, eram todos toupeiras à custa de terem os olhos vendados (para não dizerem do que viam), escavavam, sem uma palavra, incitamento, e tudo ruía por toda a parte.

deus não fora ainda inventado – nem era preciso – ninguém pensava e se o faziam, pensavam que não podiam, e acreditavam que não (assim estava determinado para não se contestarem dogmas).

foi nessa altura que a estrela se intitulou um qualquer nome e desatou a rodopiar, percorrendo o espaço em fuga interestelar, deixando para trás um rasto invisível que só tomava forma na imaginação das outras estrelas, as quais vinham de noite passear o cosmos, afastando poeira à sua passagem, desafiando o tempo, essa sucessão de instantes inacabados, infindavelmente continuados e perdidos desde o início, pois tudo foi sempiterno (até o silêncio) por nunca ter existido.

...

esta noção de amanhã é falsa, equívoca, ainda falta inventar o “agora” como quem pede desculpa e não sabe, e já de trás todos gritam dizendo que sim para se suspenderem da sua total ignorância sem terem de admitir e confessar a sua inexistência, e então, de novo, inventam algo chamado “ontem” para se autodesculparem, e logo lhes agradecemos sem sabermos porquê.

não estamos desesperados para nos suicidarmos com palavras, lá no íntimo nem a certeza de termos jamais nascido, tudo vago, sem contornos, sem cor nem forma.

